

'Oscar da Educação'

MEC vai criar prêmio para alunos e escolas que forem bem no Enem

Segundo o ministro Camilo Santana, modelo em análise também reconheceria alfabetização, ensino integral e técnico

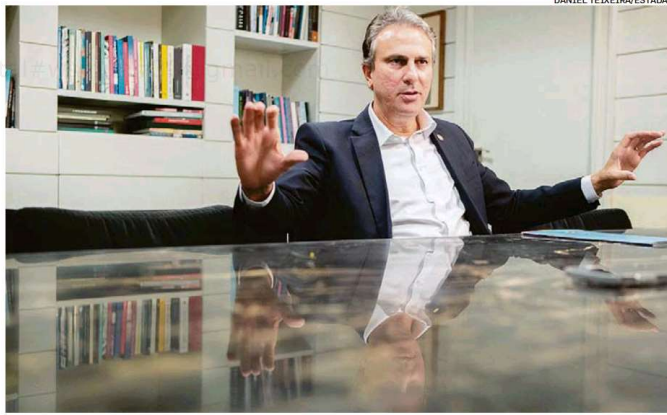
RENATA CAFARDO
VICTOR VIEIRA

O Ministério da Educação (MEC) vai premiar escolas e estudantes de todo o País que se saírem bem no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) deste ano. "É uma espécie de Oscar da Educação. Pode ser prêmio em dinheiro, em equipamentos para a escola", disse o ministro da Educação, Camilo Santana (PT), ao *Estado*. "A gente precisa dar visibilidade aos números; isso incomoda os Estados que não estão bem. E a população cobra: por que meu Estado não avança?"

O Ceará, governado por Camilo durante oito anos, foi pioneiro em premiações para escolas que se destacassem em avaliações educacionais, especialmente na alfabetização, com valores em dinheiro para professores, gestores, escolas e municípios.

Alguns países desenvolvidos, muitos deles asiáticos, também usam políticas similares na educação. A estratégia, no entanto, recebe críticas de setores da esquerda, que entendem haver supervalorização de metas e resultados.

EMANALISE. O modelo e os valores desses prêmios ainda estão sendo desenhados pela pasta. Segundo Camilo, a ideia é ainda dar bonificações para outras áreas, além do Enem e da alfabetização, para



DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO

Contra mudanças no Enem: 'Exame precisa ser todo só sobre formação geral básica', afirma Santana

"quem mais avança no ensino integral, quem mais avança no ensino técnico, para professor, aluno, município, Estado". O ministro diz que pretende fazer "uma grande solenidade com o presidente" Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para essas premiações.

"Por que a gente não premia esses meninos que tiram mil na redação do Enem? É um estímulo, reconhecer o talento", afirma ele. No caso do exame, o MEC também deve dar bonificações para escolas ou Estados com mais adesão à prova. Nos últimos anos, o número de alunos que participam do Enem tem diminuído no País.

No ano passado, menos da metade dos jovens matriculados no último ano do ensino médio em todo o País fez o exame. O governo está fazendo uma pesquisa para entender os motivos. "Falta uma liderança local para a motiva-

ção, falta o estímulo das redes com os alunos."

ALTERAÇÕES NA PROVA. Sobre mudanças no Enem por causa da reformulação do novo ensino médio, aprovada mês passado na Câmara dos Deputados, Camilo afirmou que a prova não deve avaliar a parte fle-

Objetivo profissionalizante
Meta do governo é que o Brasil chegue a índices de matrículas semelhantes a de países ricos

xível do currículo. "O Enem precisa ser todo só sobre a formação geral básica." A reforma do ensino médio prevê a oferta das disciplinas obrigatórias comuns – como Matemática, Geografia e Química – e de conteúdos escolhidos pelo aluno. Essa carga horária optativa pode ser o aprofunda-

mento de estudos em uma área ou um curso técnico/profissional.

O projeto em tramitação no Congresso prevê que a prova deva ser mudada em 2027 para se adequar ao novo ensino médio e há discussões sobre como testes vão cobrar o que é ensinado nos chamados itinerários formativos, que fazem parte da carga optativa. Camilo esteve anteontem em São Paulo para lançar o programa Pé de Meia no Estado.

Apesar de o evento ter ocorrido na sede da Secretaria Estadual de Educação, nem o secretário Renato Feder nem o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) estavam presentes. O programa dá bolsas para estudantes de ensino médio que permaneçam na escola e participem do Enem. Em São Paulo, será destinado R\$ 1 bilhão em recursos do governo federal.

Ontem, o ministro lançou o

programa no Rio, ao lado do governador Claudio Castro (PL). "A gente perde 480 mil jovens no ensino médio por ano. Esses jovens estão indo para onde? Para a droga, para o tráfico, muitas vezes por necessidade financeira, para ajudar pai e mãe", disse Santana. Ele já esteve em 15 Estados e se orgulha de ter "criado e colocado para rodar em 45 dias" a nova bolsa. Mesmo assim, admite que um dos desafios do MEC ainda é ter mais dinheiro para educação.

BALANÇO. O ministro também respondeu às críticas de que o governo esteja sendo lento na execução de políticas para a educação. "Pegamos um ministério que era terra arrasada, sem dinheiro, sem orçamento, sem pessoal, sem formação. Conseguimos aumentar o orçamento em R\$ 52 bilhões", disse. Segundo Camilo, os "principais programas" também já foram lançados, como a política de alfabetização, da escola em tempo integral, o projeto do novo ensino médio e o Pé de Meia. "Estimular que o ensino médio seja técnico profissionalizante, para mim ainda é o passo maior que a gente precisa dar", afirmou. Segundo ele, a nova política do Ministério da Fazenda, que vai dar descontos nos juros das dívidas dos Estados em troca de investimentos em ensino técnico, deve propiciar um grande salto na quantidade de alunos nessa modalidade, que hoje está em 10%.

Segundo o ministro, a meta do governo é que o Brasil chegue a índices de matrículas no ensino técnico semelhantes a de países ricos, acima de 50%. "O ideal seria 100%", afirmou Camilo. Pesquisas mostram que países que têm os melhores resultados nas avaliações internacionais investem fortemente para que os alunos curssem o ensino profissional e tecnológico com o médio.

No Brasil, segundo o ministro, o estímulo maior deveria ocorrer em áreas de tecnologia e ambiente. ●

Ambiente

Contaminação por mercúrio afeta 9 aldeias yanomamis

Indígenas do povo Yanomami de nove aldeias de Roraima estão contaminados com mercúrio, conforme revela pesquisa divulgada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Os pesquisadores identificaram a presença do metal pesado em amostras de cabelo de aproximadamente 300 pessoas analisadas, incluindo crianças e idosos. O estudo realizou as coletas na região do Alto Rio Mucajaí, em outubro de 2022.

Os maiores níveis de exposição foram detectados em indígenas que vivem nas aldeias localizadas mais próximas aos garimpos ilegais de ouro com atuação de décadas na região. "O garimpo é o maior mal que temos hoje na Terra Yanomami. É necessário e urgente a desintrusão e a saída desses invasores. Se o garimpo permanece, permanecem também a contaminação, devastação, doenças como malária e desnu-

trição e isso é o resultado dessa pesquisa", alerta Dário Vitorio Kopenawa, vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY).

Ainda de acordo com a pesquisa, ao realizar exames clínicos nos pacientes para identificar doenças crônicas não transmissíveis, como transtornos nutricionais, anemia, diabetes e hipertensão, foi constatado que nos indígenas com pressão alta, os níveis de mercúrio acima de 2,0 µg/g eram mais frequentes do que nos indígenas com pressão arterial normal. ● **RENATA OKUMURA**

Ciência

Nasa deve definir o horário unificado da Lua até 2026

O governo dos Estados Unidos pediu à agência aeroespacial do país, a Nasa, para criar até 2026 um padrão de horário unificado para a Lua e outros corpos celestes. A demanda chega em um contexto internacional caracterizado pela busca de mais países e empresas privadas em lançar missões.

A criação do Tempo Lunar Coordenado (LTC, na sigla em inglês) tem por objetivo facilitar missões de precisão com ae-

ronaves. Por causa de força gravitacional e outros fatores, a forma como o tempo é percebido na Terra não é a mesma com a qual ele se desenvolve em outros corpos celestes.

Uma pessoa na Lua tem impressão de que um relógio baseado na Terra perde, em média, 58,7 milissegundos ao longo de um dia da Terra. E há outras variações periódicas que afastam o horário do planeta e do satélite. ● **RAMANA RECH**